

SINTAXE DOS CASOS EM LATIM: O NOMINATIVO E O VOCATIVO

Marco Antonio Abrantes de Barros Godoi (UERJ)

RESUMO: O estudo da sintaxe latina requer o conhecimento da estrutura casual das palavras na frase, pois se tratando de uma língua flexional, as palavras sofrem alterações sufixais para desempenharem um sentido na construção frasal e do pensamento latino. A partir do reconhecimento desta característica da língua latina, iremos estudar aqui os casos nominativos e vocativo, o primeiro reconhecido como o caso que nomeia a palavra em si, e determina o sujeito e predicado da frase; o segundo que representa um ato de invocação da pessoa para a participação na conversação. Então veremos os diversos empregos e sincretismos dos mesmos na frase Latina.

PALAVRAS-CHAVE: Sintaxe; nominativo; vocativo

SYNTAX OF CASES IN LATIN: THE NOMINATIVE AND THE VOCATIVE

ABSTRACT: The study of Latin syntax requires knowledge of the casual structure of the words in the sentence, because in the case of an inflectional language, words undergo suffix changes to play a meaning in sentence construction and in Latin thought. From the recognition of this characteristic of the Latin language, we will study here the nominative and vocative cases, the first recognized as the case that names the word itself, and determines the subject and predicate of the sentence; the second representing an act of invoking the person to participate in the conversation. Then we will see their different uses and syncretisms in the Latin phrase.

KEYWORDS: Syntax; nominative; vocative

1- Introdução:

A palavra sintaxe vem do grego e se aplicou à gramática latina, significando ação de coordenar, arranjar ou por ordem nos elementos da frase, isto é, do pensamento, assim se separando da análise mórfica e da análise fonética. Assim a sintaxe trata da oração que é a junção de palavras que formem um pensamento completo. Como exemplo: *A vida é boa*. Mas também devemos acrescentar outro conceito de sintaxe, que é a expressão oral

ou mesmo transcrição oral nos textos que trazem um contexto situacional como estados anímicos do falante ou personagem como exemplo: *Coragem!*

A construção frasal latina tem por característica o emprego de palavras que adquirem um sufixo marcador de função sintática que é denominado caso. Quando esse sufixo é acrescido à raiz da palavra, ela sofre uma alteração de cunho concreto ou abstrato, assim havendo a inserção de uma função para a raiz na oração latina.

Na língua latina clássica encontraremos seis casos: o nominativo, o vocativo, o acusativo, o dativo e o ablativo; neste artigo trataremos dos casos nominativo e vocativo.

2- O caso nominativo:

Os antigos gramáticos romanos se inspiraram nas teorias gramaticais gregas para nomearem os casos latinos a partir da comparação com os casos gregos. Assim o caso nominativo é considerado um caso reto, isto é, a forma normal da palavra, pois os demais casos seriam casos oblíquos, que adquiriam sufixo próprio por meio da queda do sufixo do nominativo. O caso nominativo tem sua origem no verbo *nominare* (nomear), sendo assim, denominando *casus nominativus*.

2.2- Empregos do caso nominativo:

O nominativo é empregado regularmente como sujeito da frase (aquele que o predicativo afirma algo) e como predicativo do sujeito da frase, como sujeito um exemplo: **Sol** lucet. (O sol brilha). No caso do predicativo temos o verbo *esse* como o verbo principal onde emprega-se o nominativo como predicativo do sujeito, pois originalmente esse verbo possuía um significado material e concreto do que ele afirmava, assim também mantendo o valor de existir e estar presente. Por exemplo na frase **Sol est lucidus**, onde a palavra *lucidus* designa a qualidade concreta do sol: O sol é brilhante. Há outros verbos que empregam também o nominativo como predicativo do sujeito, pois caracterizam uma cópula mais específica do que o verbo *esse*, como verbos que caracterizam uma ideia de duração como *feri* (tornar-se, fazer-se) por exemplo: fit (rex) continuo **tyrannus**. (O rei) imediatamente se torna um tirano. (Cícero, Rep. 2,48). Dentro dessa categoria semântica de verbo com ideia de duração ou princípio são *nasci* (nascer), *exoriri* (surgir, originar-se). Verbos que expressam ideia de aparência ou permanência tais como *manere* (aparecer), *videri* (parecer). Verbos, que, na voz passiva adquirem sentido de atribuição de alguma qualidade como *haberi* (ter por), *iudicari* (julga por), por exemplo: **Habeor rex** regum. (sou tido como o rei dos reis.).

Há outros tipos de emprego do nominativo que fogem a essas duas funções tradicionais, que aqui apresentaremos:

Nominativo enfático, é empregado em situações de forte emoções, que representam, em primeiro plano, a exteriorização de alguém ou algo, antes de se estabelecer o discurso sintático coordenado de forma racional, representando, assim uma exclamação: *Meus filius! tu es hic?* (Meu filho! tu estás aqui?); podemos pensá-lo como uma forma exclamativa que nomeia o ente de forma emotiva que se destaca do resto da frase. Mas também esse nominativo enfático, isolado da frase, pode ter uma forte correlação por meio de algum pronome com a frase seguinte como em *Puer! is in schola est.* (O menino! Este está na escola).

Nominativo temático, é derivação do nominativo enfático, mas empregado para dar nome a obras como *Orator, Lelius sive de Amicitia*. Serve somente, assim para indicar o assunto a ser tratado por uma obra.

Nominativo denominativo, empregado em nomes próprios ou títulos a partir do emprego de verbos que designam atribuição de nome, como exemplo: *Cognomen habuit Corvinus* (Pseudo Quadrig. Hist.12) (Tem o nome de Corvino.) ou título em *cum dico princeps* (Plin. Epist. 3,2,2) (Quando digo príncipe.). Este emprego do nominativo encontra-se no nível da linguagem familiar e conota um caráter subjetivo do que objetivo, afastando das normas gerais da gramática, pois deveria estar em outro caso.

Nominativo enumerativo, como o próprio nome diz, quando a língua latina enumerava, aplicava-se no nominativo as enumerações, seja por questão de memória ou de pausa que desconecta a enumeração da frase. Por exemplo: *quemvis hominem secum attulit ad nos: grammaticus, rhetor, geometres, pictor...* (Juv. 3,76) (qualquer homem que ele trazia consigo para nós: um gramático, um retor, um geômetra, um pintor.)

Nominativo apositivo, trata-se de um aposto do nominativo, por exemplo: *Lucius, filius Juliae, in taberna est.* (Lúcio, o filho de Júlia, está na taberna).

Nominativo descritivo, como o próprio nome diz, é empregado para descrever alguma situação do que se disse antes ou do que se dirá depois, tratando-se de uma intercalação descritiva de outra oração, por exemplo: *Nil aderat adiumenti ad pulchritudinem: cappilus passus, nudus pedes, ipsa horrida, lacrumae, vestitus turpis.* (Ter. Phorm. 106) (Nada faltava de ajuda na beleza: cabelo solto, pé nu, ela mesma horrível, lágrimas, vestido desonroso).

Nominativo como resultado de um anacoluto ou contaminação, se trata de uma construção que começa no nominativo, mas é intercalado por outra oração que

semanticamente se relaciona com ele, mas foge da regra sintática. Por exemplo: *Hic homo, nos non verba fecimus huic.* (Este homem, nós não falamos a ele.) em vez de *nos non verba fecimus huic homini.*

Nominativo absoluto, emprega-se, no latim vulgar analogicamente como um ablativo absoluto, nos participios, tratando-se também de um anacoluto, que inicia a frase com participio como referido ao sujeito e, em seguida, uma nova idéia surge com força e acaba a expressando sem dar continuidade ao raciocínio anterior, assim o participio torna-se uma frase com valor absoluto, por exemplo: *Haec mihi auferens, ista opera facturum non sum.* (Aug. Serm. 16,4) (obtendo essa para mim, esta obra não terei de fazer.)

Nominativo adverbial, é um nominativo com valor de advérbio, pois o caso deixa de exercer a função de predicativo do sujeito e passa a exercer a função de advérbio; no período arcaico havia o emprego de advérbios ou mesmo adjetivos que, além de predicar, marcavam um caráter local, modal ou temporal, como *prorsus*, que vem do participio do verbo *verto*, por exemplo: *Antonius cedit prorsus.* (Antônio marcha reto), podendo ter o caráter modal de marchar retamente. Outro advérbio que veio desse valor predicativo e no caso nominativo é *rursus* (reiteradamente); outros advérbios que vieram de nominativo são os substantivos como *verum* (verdade), como por exemplo: *ego dico verum.* (eu próprio digo verdadeiramente) de *ego dico, est verum.* (eu propriamente digo, é verdade.)

Uso do Nominativo no lugar do vocativo, por influência das línguas semíticas, com a cristianização do Império Romano, a evocação de deus em latim deixou de usar o vocativo *dee* e passou a empregar no nominativo a evocação *deus*. Também se estendendo a palavra *populus*, no lugar de *popule*.

3- O caso vocativo:

O caso vocativo é derivado do verbo *vocare* (chamar), sendo denominado em latim de *casus vocativus*, empregado nas expressões da língua que invocam a atenção ou convocação de uma pessoa. O vocativo, diferencialmente dos demais casos não estabelece nenhum tipo de correlação ou sintaxe com o resto da frase, ele é destacado da frase, sendo autônomo em relação à frase, na escrita acaba sendo isolado da mesma por vírgula. Morfologicamente o vocativo e o nominativo mantiveram o mesmo sufixo, só se diferenciando nos nomes em *-us*, da segunda declinação, cujo sufixo é *-e*. Devido a essa circunstância morfológica havia a possibilidade de emprego dos dois casos para a função de evocação. Apenas o valor sintático se manteve devido a pausa que na grafia é representada pela vírgula.

Em virtude de uma atração o predicativo do sujeito que deveria vir no nominativo pode ser empregado no vocativo como no exemplo de Tibulo 1,7,53: *Sic venias hodie*. (Assim que venhas hoje)

Devido essa semelhança morfológica encontramos empregados ambos os casos na função de chamamento, como um adjetivo na função de chamamento pode vir *amice!* (voc.) ou *amicus!* (nom.). Adjetivos acompanhados por substantivos podem ser empregados de diversas formas, por exemplo: *bonus amice!* Onde o adjetivo está no nominativo e o substantivo no vocativo; *bone amice!* Todos estão no vocativo ou *bonus amicus!* Todos no nominativo. Dois exemplos clássicos: *Jane veni, novus anne, veni* (Aus.idyll. 8,28) (Janus, vem! Novo ano, vem!); *Meus festus dies, meus pullus passer, mea columba, mi lepus.* (Plauto Cas. 137) (Meu dia festivo, meu pinto, minha pomba, minha lebre.)

4- Considerações finais:

A sintaxe em latim é denominada de sintaxe dos casos devido ao emprego de sufixo no nome para estabelecer a relação do nome na construção da frase. Sabendo que, na língua latina clássica encontramos um total de seis casos com empregos diversos, aqui tratamos dos dois primeiros casos, o nominativo e o vocativo, casos que já demonstram um certo sincretismo no seu emprego na frase, mantendo pouca marcação de diferença entre ambos, já que a morfologia de ambos se iguala, só se diferenciando nos nomes em *-us* da segunda declinação. O caso nominativo determina o sujeito e o predicativo do sujeito da frase; já o caso vocativo, se coloca isolado da frase não estabelecendo nenhum tipo de correlação com os elementos da frase.

Referências Bibliográficas:

CLIMENT, Mariano Bassols de. **Sintaxis latina**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 1992.

_____. **Sintaxis histórica de la lengua latina**. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 1945.

ERNOUT & MEILLET. **Syntaxe latine**. Paris: éditions Klincksieck, 2ª. ed, 1993.

FARIA, Ernesto. **Gramática da língua latina**. Brasília: FAE, 1995.

SARAIVA, F.R. dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-português**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 10^a.ed. 1993

SERBAT, Guy. **Les structures du latin**. Paris: Picard, 4eme ed. s.d.